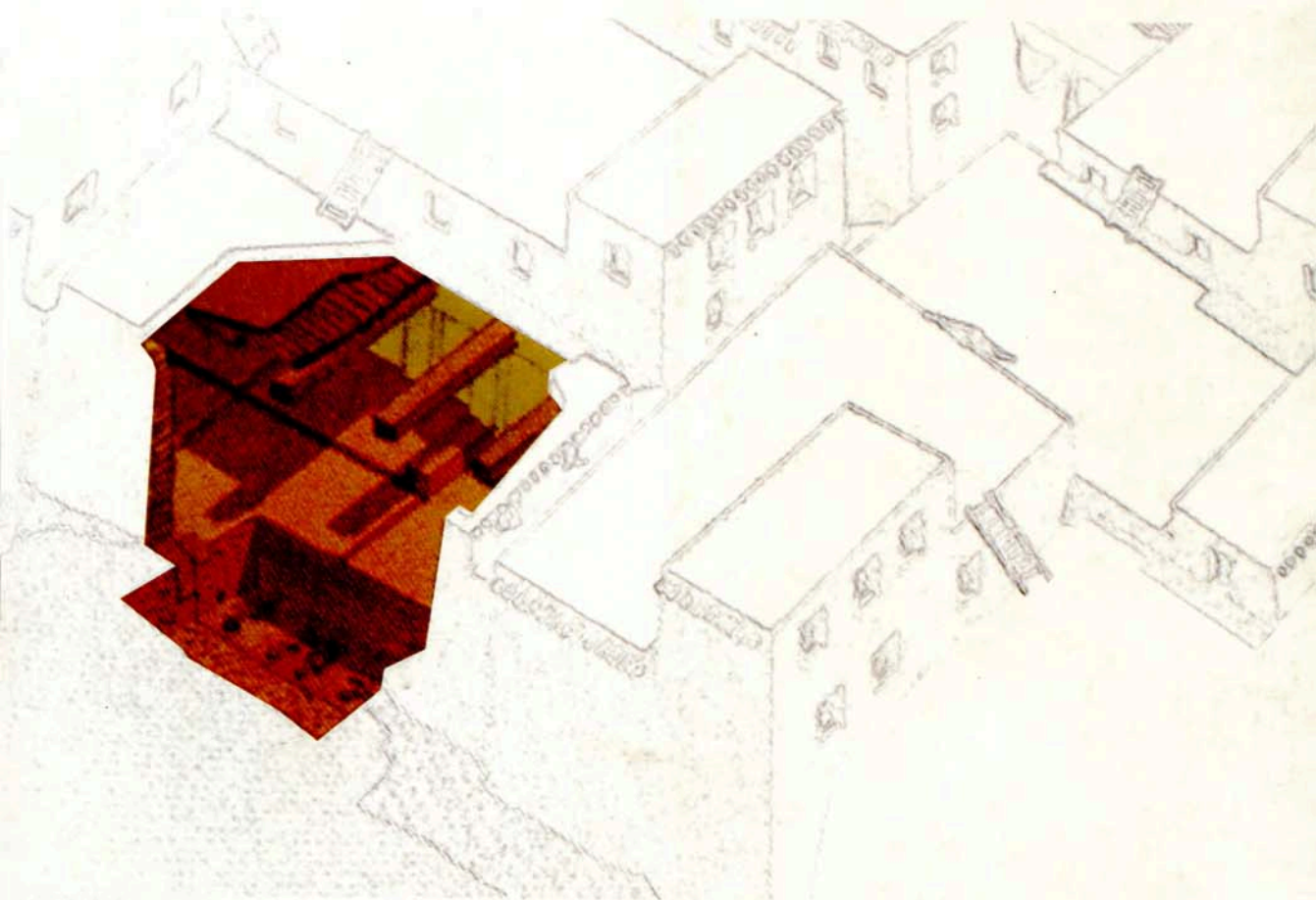


Terra:

Forma de Construir

Arquitectura . Antropologia . Arqueologia

10^o Mesa-Redonda de Primavera



Terra: **Forma de Construir**

Arquitetura . Antropologia . Arqueologia

10º Mesa-Redonda de Primavera

Editores

Mariana Correia

Vitor Oliveira Jorge

TERRA: Forma de Construir

Arquitectura – Antropologia – Arqueologia

10ª Mesa-Redonda de Primavera

24 e 25 Março 2006 - Anfiteatro Nobre
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Enquadramento

Sabe-se hoje que a forma de arquitectura mais universal, mais acessível a uma grande parte das populações, e provavelmente uma das mais antigas, pelo menos nas regiões onde as condições do meio o permitiam, foi e é aquela que utilizou e utiliza basicamente a terra, quer seja crua, quer cozida.

O barro e os materiais vegetais entrançados terão sido, juntamente com alguma pedra, formas elementares de estruturar um abrigo. Mas outros modos haveriam de ocorrer, quer os baseados na taipa (terra prensada dentro de cofragens), quer no adobe (unidades modulares secas ao sol), quer ainda no tabique (estruturas de madeira em engradado, preenchidas com barro). Todas essas formas de construir existiram em Portugal, e interessaram vários estudiosos, embora não tanto como se impunha, sobretudo num país onde as formas vernáculas de viver e de habitar tenderam a uma modernização muito rápida nas últimas décadas.

Nos últimos anos tem-se assistido a um grande incremento no interesse por estes estudos. Tal incremento nota-se inclusivamente em dois extremos (aparentemente) opostos: a consciência de que a arquitectura em terra é mais ecológica e menos dispendiosa, podendo produzir obras inovadoras de grande qualidade e conforto; e a noção de que muitos sítios arqueológicos, antes supostamente exemplos da construção em pedra (porque esta "ossatura" foi, em muitos casos, a que mais resistiu ao tempo) são afinal, numa tradição circum-mediterrânica muito antiga, sítios construídos com terra, sobre embasamentos de pedra.

A consciência de que temos aqui uma frente de pesquisa riquíssima, interdisciplinar, e que importa aprofundar para melhor conhecimento mútuo de um património que não é só milenário, mas que tem um largo futuro criativo a percorrer, leva a reunir-nos em mais uma "Mesa-Redonda de Primavera". Pretendem-se apresentar os resultados de reflexões e estudos, debater ideias, propor soluções (inclusivamente de investigação, conservação, restauro, e produção de novas obras) e reabilitar, de algum modo, uma realidade injustamente obscurecida. Fazer, em suma, futuro, a partir de uma das mais remotas tradições de habitar o mundo.

Organização

DCTP- Departamento de Ciências e Técnicas do Património
Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP)
<http://www.letras.up.pt/dctp/>

ESG/Escola Superior Gallaecia (Vila Nova de Cerveira)
<http://www.esgallaecia.com>

Tema dos Painéis

SESSÃO 1: Contexto e Universalidade
SESSÃO 2: Antropologia e Arquitectura
SESSÃO 3: O Homem e a Natureza
SESSÃO 4: Pré e Proto-História
SESSÃO 5: Da Proto-História ao Período Clássico
SESSÃO 6: Período Islâmico

Coordenação Científica

Vítor Oliveira Jorge (DCTP-FLUP)
Mariana Correia (ESG/Escola Superior Gallaecia)
Goreti Ferreira de Sousa (ESG/Escola Superior Gallaecia)

Moderação das Sessões

Vítor Oliveira Jorge (DCTP-FLUP)
Mariana Correia (ESG/ Escola Superior Gallaecia)
Miguel Rocha (CdT - Associação Centro da Terra)
Maria Fernandes (CdT - Associação Centro da Terra)
Goreti Ferreira de Sousa (ESG/ Escola Superior Gallaecia)

Idiomas

Português e Espanhol

Secretaria

Raquel Sampaio
Sandra Carneiro

Design Gráfico

Teresa Correia

FICHA TÉCNICA DO LIVRO

TERRA: Forma de Construir

Arquitectura – Antropologia – Arqueologia

10ª Mesa-Redonda de Primavera

Direcção Editorial

Filipe Jorge

Coordenação da Edição

Mariana Correia (ESG/ Escola Superior Gallaecia)

Vítor Oliveira Jorge (DCTP-FLUP)

Coordenação Científica

Mariana Correia (ESG/Escola Superior Gallaecia)

Vítor Oliveira Jorge (DCTP-FLUP)

Goreti Ferreira de Sousa (ESG/Escola Superior Gallaecia)

Autores

Mariana Correia, Maria Fernandes, Miguel Rocha, Victor Mestre, Catarina Pereira, Pedro Prista, Eloy Algorri, Khalid El Harrouni, Mário Varela Gomes, Patrícia Bruno, Goreti Sousa, Maria de Jesus Sanches, Dulcineia Pinto, Gonçalo Leite Velho, Ana Margarida Vale, João Muralha Cardoso, Vítor Oliveira Jorge, Juana Font, Ricardo Morales, Santiago Macias, Rosa Varela Gomes, Fernando Vela Cossio.

Design Gráfico

Argumentum

Imagem da Capa

A partir de ilustração de Lessing - Magnum - Zardoya (Barcelona)
In: SUREDA, Joan (Dir.) (1994). *Las primeras civilizaciones: Prehistoria, Egipto, Próximo Oriente*. In Historia Universal del Arte, Barcelona, Editorial Planeta.

Ilustração dos Separadores

Maria João Lopes Fernandes

Paginação e Pré-impressão

JP_Produção

Impressão

SIG – Sociedade Industrial Gráfica

Depósito Legal

248729/06

ISBN

972-8479-44-1

1ª Edição - Outubro 2006

Apoio

DCTP – Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

CEAUCP – Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (FCT).

Os artigos publicados expressam o ponto de vista dos autores e não reflectem necessariamente a opinião das instituições organizadoras do evento, assim como dos Editores. Reservados todos os direitos. Reprodução proibida no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização escrita dos Editores.

© ARGUMENTUM - Edições Estudos e Realizações

Rua Professor Queiroz Veloso, 2

1600-658 LISBOA

argumentum@ip.pt

www.argumentum.pt

© ESCOLA SUPERIOR GALLAECIA

Largo das Oliveiras

4920-275 VILA NOVA de CERVEIRA

esc.sup.gallaecia@mail.telepac.pt

www.esgallaecia.com

RECINTOS MURADOS E/OU COLINAS MONUMENTALIZADAS NO NORDESTE DE PORTUGAL? O Caso de Castanheiro do Vento, Vila Nova de Foz Côa

Vítor Oliveira Jorge

(arqueólogo, professor universitário)
Departamento de Ciências e Técnicas do Património
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
E-mail: vojorge@clix.pt

Ana Margarida Vale (arqueóloga)

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
E-mail: ana.m.vale@gmail.com

João Muralha Cardoso (arqueólogo)

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
E-mail: jmuralha@gmail.com

Introdução

A mesa redonda "Terra: forma de construir" propôs-se reunir agentes de diferentes áreas com o intuito de expor e analisar aspectos e panoramas da "Arquitectura em terra". Atendendo à diversidade de formações (daqueles que contribuem para esta publicação e do possível público) pareceu-nos importante começar por reflectir acerca do conceito de arquitectura enquanto "pré-historiadores", referir o porquê de pensar estas arquitecturas tecidas em pedra, e sobretudo, em terra, e quais as repercussões, ao nível interpretativo do sítio, (o que engloba o próprio trabalho de campo, e possíveis opções de conservação e restauro), da introdução da arquitectura de terra na "construção" que hoje fazemos de Castanheiro do Vento. A estação arqueológica de Castanheiro do Vento, situada na freguesia de Horta do Douro, concelho de Vila Nova de Foz Côa, serve-nos de base a esta reflexão. A partir de um sítio datado do III/II^o milénios a.C. procuraremos pensar formas de habitar [na acepção heideggeriana "*Dwelling is the manner in which mortals are on earth*" (HEIDEGGER, M., 1997:102) materializadas em modos de fazer.

1. Arquitectura, Arqueologia e Pré-História

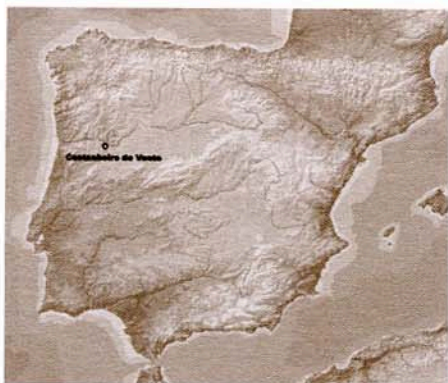
O estudo de um sítio arqueológico debruça-se sobre materialidades do passado, vestígios físicos com os quais o arqueólogo estabelece uma ligação e lhes concede tradução para que se tornem inteligíveis, primeiro ao próprio investigador e depois em anéis de divulgação e validação cada vez mais amplos: à comunidade científica, ao grande público...

Assim, a Arqueologia, enquanto ciência, permite que, através de métodos e técnicas definidos, se construam passados, ou seja, interpretações das materialidades registadas por nós.

Estas materialidades são normalmente separadas para a concretização de estudos e reflexões acerca de estações arqueológicas (a análise de cerâmicas é realizada de forma autónoma, por exemplo, dos materiais e técnicas construtivas). De uma forma cartesiana, o problema divide-

se em equações mais simples, na tentativa de alcançar mais facilmente resoluções, hipóteses interpretativas para o caso de estudo.

Desta forma, elementos construídos e elementos artefactuais mais pequenos são analisados em arqueologia, de forma apartada, como capítulos distintos do sítio. Contrariando esta linha, Lesley McFadyen, num artigo recentemente publicado (MCFADYEN, 2006) intitulado "Material culture as architecture", propõe pensar os sítios datados da Pré-história como um conjunto de várias unidades (moveis/artefactuais, imóveis/arquitectónicas) que só adquirem sentido num estudo integrado. Considera a arquitectura de um sítio não como um dispositivo construído, mas como um processo contínuo de vivências num local. Assim, todas as "materialidades do passado" que hoje os arqueólogos colocam a descoberto deveriam ser equacionadas como testemunhos de "espaços habitados", de diversas actividades interligadas, em que a construção não era um fim em si mesma, mas fazia parte da vida das comunidades, tal como todas as outras actividades que se desenrolariam de forma mais ou menos imediata à feitura, por exemplo de um muro. Deste modo, como todas as acções humanas são interdependentes, toda a designada "cultura material" é arquitectura, na medida em que traduz formas de "viver". Temos sugerido (JORGE et al, 2006a) que as arquitecturas pré-históricas deveriam ser entendidas segundo a "dwelling perspective" sublinhada por Tim Ingold, antropólogo inglês, que na esteira das reflexões de Martin Heidegger, acerca do conceito de "dwelling", que traduzimos como "habitar", enfatiza que apenas construímos porque habitamos um determinado espaço. Esta perspectiva poder-se-ia aproximar das características das arquitecturas "pré-modernas", em que o acto construtivo se assemelharia à actividade de tecer, onde matérias-primas, resistências do material empregue e força humana se mesclavam num processo dialógico. Neste sentido, a separação entre Natureza e Homem eram dissipadas, ou seja, o conceito "habitar" elimina a



Localização da estação arqueológica de Castanheiro do Vento na Península Ibérica.



Implantação topográfica da área escavada até 2005 no sítio de Castanheiro do Vento.

concepção da existência de um mundo exterior sobre o qual a actividade humana é exercida, na medida em que o ser humano faz parte da própria Natureza.

Actualmente, a construção de um espaço é primeiro realizada no plano abstracto, em projectos e plantas, antes de ser implementado no "mundo real". O desenho prévio em papel e em computador é tradutor da divisão a que aludimos entre Homem e Natureza, na medida em que se objectiva uma realidade exterior na qual se pode inserir uma obra humana. Esta dicotomia projecto/concepção abstracta e obra/construção efectiva denuncia também processos sociais de envolvimento com o mundo (THOMAS, 2006: 351). No entanto, identificando esta divisão como uma forma particular, de habitar o mundo em que vivemos e a consciência de que se baseia em estruturas de pensar modernas, cremos que as arquitecturas pré-históricas assentavam noutras formas de "habitar" o mundo, traduziriam processos contínuos de vivência dum sítio, permanentemente elaborados e reelaborados, não de forma separada do resto das actividades humanas, nem objectivados como obra humana imposta ao mundo natural. Além disso, hoje em dia os locais construídos não são, para uma grande maioria, projectados, calculados, erguidos por quem os vivência. Uma linha separa o habitante de um espaço, do arquitecto, do engenheiro, do construtor... que o desenharam e tornaram possível a sua concretização. Numa sociedade em que a especialização laboral é cada vez mais acentuada, as tarefas são divididas, assim como o projectista/construtor/habitante.

Mas poderemos separar técnicas construtivas, soluções arquitectónicas, materiais de construção, projectistas e ocupantes, no estudo de arquitecturas da Pré-História? Pensamos que não.

É nesta linha, que em Pré-história se começa a delinear uma abordagem das arquitecturas, que Julian Thomas sintetizou desta forma: "The architecture becomes an assemblage of acts and meanings as well as physical things, all braided together to create something that is more than physical form" (THOMAS, 2006:354).

Neste sentido, os dispositivos construídos que detectamos em Castanheiro do Vento, que adiante descreveremos, constituem uma manifestação de formas de habitar um espaço, concretizam significados, mensagens, memórias, que numa sociedade sem escrita se inscreveriam metonimicamente em formas materiais.

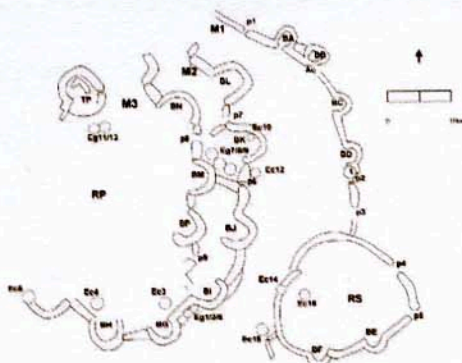
E é através do estudo da arquitectura, que exprime a relação do ser humano com o ambiente, que pretendemos indagar acerca dos níveis de organização social das comunidades que moldaram, reconstruíram, mantiveram, abandonaram/selaram o sítio de Castanheiro do Vento.

2. A estação arqueológica de Castanheiro do Vento: Multiplicidade de Olhares

Quando nos referimos a Castanheiro do Vento não pretendemos apenas apontar o local onde hoje incidem as escavações arqueológicas (e onde, muito provavelmente os vestígios arqueológicos se conservam melhor, quantitativamente e qualitativamente) ou seja, no topo de um morro de planta sub-circular, cuja altitude absoluta é de 730 metros, falamos de toda a colina. A colina como um "todo significante" integrado num espaço mais amplo que podemos apelidar de território, ainda que não possamos fixar-lhe fronteiras, na medida em que estas só existem para quem as experimenta.

Normalmente, em Arqueologia, são privilegiados os aspectos geomorfológicos para caracterizar áreas de estudo. Mas a definição do enquadramento geográfico em que se move a investigação não deve pressupor correlações com territórios de vivências. Contudo podemos equacionar problemas de inter-visibilidades de sítios arqueológicos datados do mesmo período cronológico, após a realização de uma prospeção sistemática do espaço de estudo e estudar como o sítio é visto a partir de diferentes ângulos, assim como o que é que se vê dos vários *loci* do sítio.

A visão que hoje temos do sítio de Castanheiro do Vento e o que dele se vê está comprometida com zooms digitais, cartografias em papel, acidentes do relevo tratados por



Croquis da área escavada entre 1998 e 2005

programas informáticos. Além disso, do local onde incidem as escavações arqueológicas, a paisagem "abre-se", sem constrangimentos físicos, sem barreiras ao olhar, sem paredes que poderiam ocultar certas características do meio ou encaminhar para certos ângulos de visão. Também quem olha para o sítio, percepciona-o como uma colina que sofreu trabalhos agrícolas e plantio de eucaliptos, afectada pelas actividades humanas ao longo de séculos.

Esta transformação da colina não pode, no entanto, inibir estudos acerca das possibilidades múltiplas de visão que atrás referimos. São acima de tudo tomadas de consciência de realidades contemporâneas, às quais temos de estar atentos para não cair em apreciações errôneas. O arqueólogo "pré-historiador" é antes de mais um investigador do mundo em que se insere, que num processo de auto-conhecimento, constrói perspectivas sobre o "passado". E só consciente das características do mundo em que se move pode realizar estudos sobre o "passado", para não pensar as comunidades da pré-história como se pensa a si próprio, mas também para não cair em cepticismos, equacionando o outro como inacessível porque radicalmente diferente de si.

Percorrendo caminhos e estradas actuais percebemos a multiplicidade de perspectivas que podemos ter sobre a colina de Castanheiro do Vento. De Este surge como uma grande fachada imponente, de Norte como um morro delineado, de aspecto cónico, de Oeste (de certos sítios) é por vezes quase imperceptível, espreitando por entre um relevo acidentado.

Caminhando em torno da colina apreendemos uma multiplicidade de visões, de imagens, em que o sítio surge não como uma unidade estática mas mutável para quem, do território envolvente, se aproxima de Castanheiro do Vento.

Do topo do morro, a perspectiva da paisagem que o rodeia desdobra-se em imagens. Para Este abre-se o vale da Ribeira da Teja, cujo domínio visual é impressionante, para Oeste a visão não se espria da mesma forma ficando limitada às elevações que afloram para oriente de Castanheiro do Vento, a Norte, salienta-se o monte Nossa Senhora do Viso, formação montanhosa com uma altitude absoluta de 800 metros.

A paisagem não surge como uma imagem, uma fotografia ou uma pintura, perante a qual temos uma atitude contemplativa, como que se de um objecto se tratasse, passível de um estudo protagonizado por quem olha, o sujeito, neste caso o arqueólogo. A "paisagem arqueológica" traduz-se num imbricado de relações entre pessoas e sítios, locais vividos por indivíduos diferentes, e por isso com múltiplos sentidos e significados.

O arqueólogo (ou uma equipa de arqueólogos) quando percorre um espaço, um território vivido por comunidades da Pré-história, torna-se o habitante mais recente desses "espaços arqueológicos".

O conjunto arquitectónico de Castanheiro do Vento parece comportar a intenção de ser visível, impondo-se num território aberto à Ribeira da Teja. Esta característica é comum a uma série de sítios, presentes em toda a Península Ibérica e sul de França, chamados recintos murados, ou numa visão militarista, povoados fortificados, assunto que abordaremos no ponto 5.

3. A estação arqueológica de Castanheiro do Vento

As escavações em Castanheiro do Vento iniciaram-se em 1998, e até 2005 procedeu-se à intervenção numa área que no total perfaz 1356m². O principal objectivo dos trabalhos arqueológicos prende-se com a definição da morfologia geral das arquitecturas localizadas no topo do morro em estudo. Foi adoptada uma metodologia de escavação em área, enquadrada em quadrículas de 2,00m x 2,00m, decapando o sítio (depois de superficialmente limpo) com a finalidade de expor as estruturas pétreas. Raramente se procedeu a uma escavação em profundidade.

Foram registadas três linhas de muretes interceptados por passagens (ou entradas) e 16 estruturas sub-circulares (convencionalmente designados bastiões), uma grande estrutura de contorno circular, a qual designamos Torre Principal (ainda em estudo) e que se desenha genericamente a NW da estação, e pequenas estruturas circulares (num total de 16 unidades), definidas perifericamente por pedras dispostas de forma oblíqua,



A colina de Castanheiro do Vento vista de Norte

que possivelmente seriam as bases de construções feitas por um entrançado de ramos, revestido a terra.

Castanheiro do Vento apresenta um imbricado de estruturas, em que estruturas sub-circulares (designadas bastiões) interrompem muretes (chamadas muralhas) e estruturas circulares se adossam ou se aproximam desses mesmos alinhamentos pétreos. Estas disposições de estruturas em terra crua, com embasamentos em xisto, (ressalvando que algumas podiam não ser coetâneas, o que se revela extremamente difícil de perceber no chamado "registo arqueológico") criariam circuitos labirínticos, em que espaços do sítio se "revelavam" a quem percorria "corredores" ou "entrava" em certas áreas. Já durante a campanha de 2006 (e até ao momento da finalização deste artigo), um novo alinhamento pétreo começa a definir-se, a Norte da Torre mencionada, assim como estruturas circulares de carácter idêntico às já referidas.

Os muretes detectados, de tendência curvilínea, seriam os embasamentos pétreos de construções de terra em altura. São moldados recorrendo sobretudo ao xisto como matéria-prima (a estação arqueológica localiza-se geologicamente no complexo xisto-grauvácico) com inclusões ocasionais de granito e quartzo. A largura destes muretes é variável, registando-se no alinhamento 1 uma largura aproximada de 1,20m enquanto que os muretes 2 e 3 têm em média 2,00m. A dimensão das lajes de xisto também difere, apresentando o M1 essencialmente lajes de pequenas e médias dimensões, enquanto que nos restantes se identificaram grandes blocos de xisto na elaboração destas estruturas. O M3 incorpora também diversos nódulos de quartzo branco de pequenas dimensões, o que lhe confere, aos nossos olhos de arqueólogo, uma tonalidade diferente.

A construção do sítio assemelhar-se-ia à actividade de tecelagem, em que o processo de elevação das estruturas não se realizaria pela adição de materiais, mas por um entrançado de coisas e significados. No próprio processo de moldagem do sítio eram depositados artefactos e mensagens, umas provavelmente com a intenção de

ficarem ocultas, outras mais explícitas e acessíveis à(s) comunidade(s) ou apenas a uma elite.

As estruturas sub-circulares (ou bastiões) contêm no seu interior deposições intencionais de artefactos, e/ou integram micro-estruturas (nichos, muitas vezes conseguidos pela utilização de moinhos manuais em granito), que poderiam materializar a união de grupos que viveriam dispersos, como construtores de sociabilidade.

A diversidade de espaços e de trajectos multiplicaria os sentidos, e num imbricado de actividades, o sítio era tecido, através de um entramado de estruturas, num processo de transformação contínuo. A arquitectura, não como um reflexo da sociedade, mas como parte de formas de "estar no mundo", permite indagar acerca dos processos sociais de quem vivência um espaço. E este é um dos grandes desafios que se coloca ao arqueólogo "pré-historiador".

4. Povoados fortificados / recintos murados / colinas monumentalizadas

A morfologia geral de Castanheiro do Vento, anteriormente definida, parece encontrar paralelos em outros sítios datados genericamente do III/IIº milénios a.C., localizados na Península Ibérica e sul de França (área do Languedoque). Caracteriza estes sítios a existência de muretes de tendência circular que definem um ou vários recintos, interceptados por estruturas sub-circulares (bastiões e/ou torres), erguidos em locais proeminentes na paisagem.

Este "ar de família" foi equacionado já em 1966 por Vera Leisner e Hermanfrid Schubart (LEISNER e SCHUBART, 1966), aquando do estudo do sítio arqueológico de Pedra do Ouro (Alenquer). Os autores ensaiaram comparações ao nível da implantação topográfica, dos acessos aos sítios, da sua área construída e da tipologia formal assim como da largura de muretes (ou muralhas) de vários locais escavados, como Vila Nova de S. Pedro (Azambuja), Zambujal (Torres Vedras), Pragança (Cadaval), Los Millares e Fortin 1 (Almeria), Campos (Almeria), Bruncu S'Orcu (Sardenha), Sa Urècci (Sardenha), El Antigors (Mallorca), Lébous (Hérault). Leisner e Schubart referiram que as diferenças na largura



Pormenor das estruturas geminadas 1 e 6.



Pormenor da estrutura circular nº 4.

dos alinhamentos que definiam os recintos se deviam à maior ou menor necessidade de defesa e sugeriram que sítios como Zambujal e Vila Nova de S. Pedro teriam sido construídos por colonos provenientes do Mediterrâneo Oriental; a função primeira destes locais seria a de armazenamento e comercialização de cobre.

Segundo esta abordagem, este tipo de sítios eram definidos como povoados fortificados, o que se comprovava pela existência de recintos murlhados situados no topo de colinas.

Apesar da interpretação de colónias ter sido praticamente abandonada e a ênfase concedido aos metais ter decrescido, a ideia de povoado fortificado continua a ser sublinhada por diversos arqueólogos portugueses, que alegam outros conflitos e a necessidade de protecção de outros bens. Defendem que a "progressiva intensificação económica" e a "especialização das produções" (CARDOSO, 2002) durante o III^o milénio, gerou desequilíbrios e tensões sociais e a precisão de armazenar e defender excedentes agrícolas assim como a própria terra geradora desses bens. Desta forma, independentemente da origem dos construtores, das causas geradoras de conflitos (ou seja a orientação teórica subjacente a cada arqueólogo), estes sítios rodeados por muretes são normalmente considerados povoados guarnecidos de dispositivos defensivos, o que levou à interpretação dos elementos arquitectónicos segundo uma lógica militarista: o alinhamento pétreo que delimita o(s) recinto(s) foi apelidado de "muralha", as estruturas sub-circulares anexas a este muro de "bastiões", as entradas imponentes de "barbacãs", as estruturas circulares, geralmente maciças, de "torres" e o recinto inferior de "cidadela" (WHITTLE, 1996).

Contudo, em 1994, Susana Oliveira Jorge (JORGE, S., O., 2005), questiona o conceito de povoado fortificado e a sua aplicação a contextos calcolíticos. Sublinha a heterogeneidade deste tipo de sítios e, baseada no estudo do sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão (que dista de Castanheiro do Vento cerca de 11Km), propõe a nomenclatura de "recintos murados" para a designação

destes locais. Esta nova abordagem contraria a ideia de estado de guerra quase endémico no III^o milénio, argumento estruturador das teorias concordantes com a construção de fortes dispositivos defensivos. Estes sítios passam a ser entendidos como elementos de excepção, unidades de comunicação privilegiadas, considerados como "marcadores" espaciais e locais comunitários que em situações excepcionais poderiam albergar pessoas e bens.

Pensamos que sítios como Castanheiro do Vento, seriam sobretudo espaços de reunião de grupos que viveriam nos vales vizinhos aos morros onde se ergueram as estruturas, (das quais hoje apenas registamos as suas fundações), fomentando assim a coesão social e os processos de (re)construção e (re)negociação de identidades colectivas. A própria construção do sítio envolveria um grande esforço colectivo e poderia favorecer o surgimento de elites que de alguma forma "lideravam" as tarefas de moldagem do sítio ou cimentar poderes já existentes. Provavelmente ficaria a cargo destas mesmas elites a manutenção, numa acção contínua de construção dos sítios.

Consideramos que o móbil para o surgimento destes sítios não se limitava à necessidade de defesa, ao medo do ataque eminente, à insegurança por parte de quem possuía bens agrícolas ou metálicos ou "exóticos", nem a um estado de conflito permanente na Península Ibérica e sul de França, nem seriam locais onde viveria uma comunidade, como se de povoados ou aldeias se tratassem.

Como já tivemos oportunidade de referir neste texto, trata-se de colinas monumentalizadas, o que implica a interpretação do morro como um todo significante. E neste caso, Castanheiro do Vento, é a colina, e não o seu topo onde hoje decorrem as escavações arqueológicas, independentemente de conter ou não dispositivos construídos (que até ao momento não foram identificados). E é segundo esta abordagem que deveremos (re)equacionar este tipo de sítios pelo espaço geográfico atrás mencionado. Mas como estudar locais em



Torre Principal

permanente construção? Poderemos falar de um “estilo arquitectónico”?

Segundo a visão da arqueologia histórico-culturalista, as diferenças estilísticas eram conectadas com distintas tradições sociais de manufatura (THOMAS, 2004:212). Poderiam ser empregues para diferenciar grupos pois materializariam os elementos identitários das comunidades que os fabricavam e manipulavam. Esta abordagem pressupunha que os processos de estruturação e negociação de identidades colectivas se fariam noutros espaços, e que os objectos apenas posteriormente seriam imbuídos de significado e poderiam funcionar como reservatórios e transmissores desses mesmos significados. Desta forma, matéria e significado eram tratados, em Arqueologia, como duas unidades separadas, o que transpunha para o passado uma forma de pensar actual, baseada no conhecimento dual.

Posteriormente, com a arqueologia processual, a componente artefactual deixa de ser encarada como um reflexo da sociedade que a produziu, mas como um elemento que representa e actua sobre as comunidades. No entanto, permanece a ideia que o ser humano actua num mundo inerte, o qual, pela sua transformação, dota de significado (THOMAS, 2004: 213-214).

Mas, matéria, forma e significado não podem ser encarados de maneira apartada. A materialidade do passado estudada pelo arqueólogo só pode ser entendida como um conjunto de expressões de formas de “habitar” espaços. Castanheiro do Vento materializa vivências, e todos os outros espaços, que nos parecem semelhantes ao sítio que analisamos, só podem ser interpretados nesta perspectiva. Se consideramos a arquitectura como uma expressão de habitar o mundo, e não apenas como plantas e concepções de organização de espaços, não poderemos realizar estudos de desenhos e técnicas construtivas per si. Apesar de serem espaços em permanente construção, elementos activos na coesão social, estruturadores de identidades colectivas de comunidades diversas, denotam um “estilo”. Estilo, no sentido de tradição, da

“necessidade” de estabelecer pontos estruturadores, mas sem que sejam obrigatoriamente estáticos. São espaços fluidos, em constante transformação, com carácter plástico, característica que lhe é conferida pela própria moldagem em terra crua (ver “Breve reflexão sobre alguns problemas das arquitecturas pré-históricas”, presente nesta publicação e escrito por um de nós - VOJ).

5. A importância da pedra e a valorização da terra

As escavações arqueológicas levadas a cabo em “colinas monumentalizadas” expõem os socos pétreos a partir dos quais se erguiam estruturas em altura. A pedra surge assim como o elemento material definidor de estruturas e espaços do passado, a materialidade primeira com a qual o arqueólogo trabalha e (re)constrói sítios arqueológicos. Mas a importância dada à pedra foi muitas vezes exagerada, e restauraram-se ou imaginaram-se locais como Castanheiro do Vento quase totalmente em pedra. Em primeiro lugar, devido a problemas de interpretação do chamado registo arqueológico, à escassez de escavações em área, a estudos diminutos no campo das técnicas e materiais construtivos... em segundo lugar, porque a importância da pedra e a sua ligação a estruturas fortes, possantes, estava enraizada no senso-comum. A pedra simbolizava, e simboliza, a estabilidade, a durabilidade, a característica de dureza que permanece inalterável às agressões do Homem e do Tempo.

Em Portugal, as arquitecturas de terra nem sempre foram equacionadas para a reconstrução de sítios arqueológicos, interpretados como povoados fortificados, provavelmente porque *“...a taipa e o adobe associam-se a memórias recentes de pobreza. Mesmo as vantagens que se lhe reconhecem surgem apenas como consolo de insuficiências estruturais que se lhe associam, e o abandono a que foram votadas removeu-as do presente etnográfico a que se poderiam ter imposto.”* (PRISTA, 2005:113).

As memórias do presente conjugadas com a dificuldade de reconhecimento das construções em terra no registo



Estrutura sub-circular (ou bastião) H.



Fotografia geral da Recinto Anexo

arqueológico, devido ao seu próprio processo de ruína, podem desviar a atenção do arqueólogo para a pedra, para o elemento mais resistente que continua a definir espaços físicos e trajectos mentais do investigador.

Contudo, principalmente no sul de Portugal, alguns arqueólogos identificaram vestígios de barreamento de muros e de adobes, muito provavelmente empregues nas super-estruturas de embasamentos pétreos. Citemos Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares para o caso de Monte da Tumba (Alcácer do Sal) e João Luís Cardoso para Leceia (Oeiras), como exemplos da identificação da utilização de terra nas construções calcólicas.

"Esta muralha (segunda linha de muralha), com 1,20 - 1,50m de espessura, era construída a partir de blocos de rocha eruptiva ligados por argila; (...) a sua parte superior era formada por adobes." (SILVA, C.T. e SOARES, J., 1987:34-35)

"As casas denotam, sempre, planta circular, sendo construídas de blocos calcários não aparelhados, tal como as muralhas, cimentados por ligante argiloso, também obtido localmente. (...) É de aceitar, com efeito, que as estruturas pétreas, do Calcolítico inicial de Leceia, tanto habitacionais, como defensivas, pudessem ser revestidas exteriormente de argila argamassada; (...) De igual modo, a parte superior das estruturas defensivas - actualmente reduzidas ao embasamento ou pouco mais - poderia ser de adobe." (CARDOSO, 1994:34)

Em Castanheiro do Vento foi possível identificar a presença da terra argilosa, como ligante dos blocos ou lajes de xisto que compõem os embasamentos pétreos, assim como em acções de nivelamento do terreno e de preparação para o assentamento de estruturas, apresentando, neste caso, inclusões de pequenas pedras de xisto.

Pressupomos que as super-estruturas que assentavam nos embasamentos pétreos seriam moldadas em terra crua, ainda que desconhecamos qual a técnica utilizada. Podemos colocar como hipóteses a terra empilhada, ou mesmo a taipa. Apesar desta última requerer o que hoje poderíamos reconhecer como processos técnicos mais

elaborados, não é de descartar a utilização desta técnica para a Pré-história Recente. É plausível a manufactura de taipais (mesmo curvos) para uma época tão recuada, atendendo ao conhecimento que as comunidades do passado teriam dos materiais, das suas características e potencialidades. As estruturas circulares, delineadas por pequenas pedras, poderiam ser construídas por um entrançado de ramos revestido por terra argilosa.

Os embasamentos pétreos seriam também rebocados, o que poderia prevenir certas patologias, que hoje observamos em campo quando deixamos a descoberto as estruturas em pedra, sobretudo a fracturas em lajes de xisto.

Mas, não podemos descurar a importância da pedra, utilizada nos embasamentos, em estruturas de contrafortagem e na definição de pequenas estruturas.

Aliás, é erróneo separar terra e pedra como dois materiais de construção do sítio. Ambos se interligam, coexistem, fazem parte do local. Ambos moldam o sítio, num jogo de substâncias e forças onde intervêm a madeira e a água.

Imaginar o sítio de Castanheiro do Vento com paredes em terra crua implica pensar o aspecto das fachadas, que poderiam ser decoradas, tal como a cerâmica. O reboco em terra argilosa permite uma maior diversidade de expressões plásticas, de desenhos e aplicação de cores. Mesmo se as paredes de Castanheiro do Vento permanecessem com o cromatismo da terra, seria espantoso o efeito visual para quem se aproximasse do sítio.

Além disso, ao pressupor a utilização de terra para a construção das super-estruturas e dos próprios embasamentos, é necessário questionar acerca dos períodos da sua elaboração, ou seja, a moldagem do sítio não poderia acontecer durante todo o ano devido às condições climatéricas.

A terra crua, nas suas múltiplas utilizações, conferiria sobretudo um vasto leque de possibilidades construtivas, e o seu carácter plástico permitiria constantes modificações, alterações e reestruturações permanentes.



Pormenor das estruturas de contrafortagem na estrutura sub-circular (bastião) B. As lajes de xisto dispõem-se de forma paralela e perpendicular entre si, de forma a garantir a estabilidade do embasamento pétreo.

Bibliografia

CARDOSO, J. L., (1994). "Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico" in *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, número especial. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L., (2002). "O modelo de Povoamento Calcolítico do Território Português" in *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Verbo, pp.251-279.

HEIDEGGER, M. (1997). "Building, Dwelling, Thinking" in *Rethinking Architecture, a reader in cultural theory*, (ed. Neil Leach). London: Routledge, pp.100-109.

INGOLD, T. (2000). "The Perception of the Environment. Essays in Livelihood, Dwelling and Skill." London: Routledge.

JORGE, S. O. (2005). *O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*. Porto: Edições Afrontamento.

JORGE, V. O. (2003). *A Irrequietude das Pedras. Reflexões e Experiências de um Arqueólogo*. Porto: Edições Afrontamento.

JORGE, V. O.; et al. (2002). "Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper and Bronze Age sites in northern Portugal" in *Monuments and Landscape in Atlantic Europe. Perception and Society during the Neolithic and Early Bronze Age* (ed. C.Scarre). London: Routledge.

JORGE, V. O.; et al. (2006a). "Copper Age «monumentalized hills» of Iberia: the shift from positivistic ideas to interpretative ones. New perspectives on old techniques of transforming place and space as results of a research experience in the NE of Portugal" in *Approaching «Prehistoric and Protohistoric Architectures» of Europe from a «Dwelling Perspective»*. Journal of Iberian Archaeology, vol.8, special issue. Porto: ADECAP, pp. 203-264.

JORGE, V. O.; et al. (2006b). "Problemática suscitada pelas escavações do sítio pré-histórico do Castanheiro do Vento (Horta

do Douro, Vila Nova de Foz Côa), sobretudo após a campanha de 2006" in *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, vol.6 (no prelo).

JORGE, V. O.; et al. (2006c). *Sítio pré-histórico do Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa): principais conclusões das escavações de 2005*. Portugal, nova série (no prelo).

LEISNER, V.; SCHUBART, H. (1966). "Die Kupferzeitliche Befestigung Von Pedra do Ouro/Portugal" in *Madrider Mitteilungen*, vol.7, pp.9-60.

MCFAYDEN, L. (2006). "Material culture as architecture" in *Approaching «Prehistoric and Protohistoric Architectures» of Europe from a «Dwelling Perspective»*. Journal of Iberian Archaeology, vol.8, special issue. Porto: ADECAP, pp.91-102.

PRISTA, P. (2005). "Taipa e Adobe na Etnografia Portuguesa" in *AALL, Arquitectura de Terra em Portugal*. Lisboa: Argumentum, pp.108-113.

SILVA, C. T.; SOARES, J. (1987). "O Povoado Fortificado Calcolítico do Monte da Tumba I - Escavações arqueológicas de 1982-1986 (Resultados Preliminares)", Setúbal: Setúbal Arqueológica, vol.VIII, pp.29-79.

THOMAS, J. (2001). "Archaeologies of Place and Landscape" in *Archaeological Theory Today*, (ed. I. Hodder), Cambridge: Polity Press, pp.165-186.

THOMAS, J. (2004). *Archaeology and Modernity*, London: Routledge.

THOMAS, J. (2006). "From dwelling to building" in *Approaching «Prehistoric and Protohistoric Architectures» of Europe from a «Dwelling Perspective»*. Journal of Iberian Archaeology, vol.8, special issue. Porto: ADECAP, pp.349-359.

WHITTLE, A. (1996). *Europe in the Neolithic. The Creation of New Worlds*, Cambridge: Cambridge University Press.

Curricula Resumido:

Ana Margarida Vale - Licenciada em História – variante Arqueologia e Mestre em Arqueologia pela FLUP. Doutoranda, FLUP, bolsa FCT. Actualmente integra o projecto de escavação do sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento (V.N. Foz Côa). Principal área de investigação: arquitecturas pré-históricas.

João Muralha Cardoso - Licenciado em História. Mestre em Arqueologia. Doutorando da FLUP e bolseiro da Fundação da Ciência e Tecnologia. É um dos coordenadores das escavações arqueológicas de Castanheiro do Vento e autor de cerca de 30 publicações.

Vitor Oliveira Jorge - Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (DCTP). Doutorou-se em 1982 (UP) com uma tese sobre o Megalitismo do Norte de Portugal. É professor catedrático da mesma Faculdade desde 1990. Publicou mais de 300 títulos, entre artigos e livros.